

Entrevista

O ensino de filosofia na novo cenário político brasileiro: entrevista com o professor Silvio Gallo⁴⁷

Elisete M. Tomazetti (UFSM)
Cláudia Cisiane Benetti (UFSM)

Elisete/Cláudia - Ao iniciar esta entrevista a pergunta que nos parece mais urgente é: Silvio, que tempos são esses que estamos vivendo no Brasil? Na sua análise, quais caminhos e perspectivas estão sendo implantados/conduzidos para a educação básica?

Silvio Gallo - Começo agradecendo às colegas Elisete e Cláudia pelo convite e pela honra de conceder esta entrevista à REFILO, iniciativa das mais importantes no campo do ensino da Filosofia. Agradeço também por seu empenho na criação e manutenção deste veículo de publicação e debate em torno das questões que mobilizam nosso presente como professores de Filosofia.

Estamos vivendo um momento difícil. Em minha forma de ver, tivemos avanços sociais muito importantes na última década e meia, fruto de um intenso trabalho governamental. Certamente não era tudo o que muitos de nós queríamos: desejávamos avanços mais rápidos e intensos, para, como disse Tom Zé numa bela canção em 2012, sairmos de nossa idade média diretamente para a “era do pré-sal”,⁴⁸ um país tecnologicamente avançado

⁴⁷Professor titular (MS-6) da Universidade Estadual de Campinas. Desde 2007 é bolsista produtividade do CNPq. Membro de diversas associações científicas do campo da Filosofia da Educação no Brasil e no exterior. É co-editor da Revista Fermentario, publicada pela FFyH da Universidad de la República (Uruguai) e pela FE-Unicamp. Editor Chefe da Revista Pro-Posições, da Faculdade de Educação da Unicamp. Suas pesquisas vinculam-se à área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação e investiga, principalmente nos seguintes temas: filosofia francesa contemporânea e educação, ensino de filosofia, filosofia e transversalidade, anarquismo e educação.

⁴⁸Versos da canção *Tropicalea jacta Est*, do álbum *Tropicália Lixo Lógico*: “Saímos da Revista Digital de Ensino de Filosofia – Santa Maria – vol.2., n.2 – jul./dez. 2016.

que opta por investir os recursos oriundos da exploração do petróleo com alta tecnologia em educação, visando uma melhor distribuição de renda e o avanço intelectual de sua população. Mas mesmo aquilo que foi realizado despertou forte oposição: acompanhamos como foi difícil fazer passar no Congresso Nacional a aprovação do direcionamento dos recursos para a educação; os “vencidos”, insatisfeitos com isto e com como o país estava sendo gerido, articularam a reação, que culminou com a deposição da presidenta legitimamente eleita no ano passado. Rapidamente um governo ainda interino e depois referendado pelo Congresso passou a “desfazer” muito do que havia sido feito, indicando, claramente, novos rumos para o país, na direção que os anteriormente “vencidos” apontava.

Um projeto político de país que investiu intensamente em todos os níveis da educação, mas especialmente na educação básica, está sendo paulatinamente desmontado e ainda não sabemos exatamente o que será colocado no lugar. Mas temos indícios, principalmente com a reforma do Ensino Médio imposta por decreto, sem levar em conta os anos acumulados de discussão. Pelo que vimos até aqui, trata-se de um projeto de cunho neoliberal, centrado em dois eixos: flexibilização e privatização. Isto é, processos educativos e escolas o mais articulados com o mercado possível. E não deixa de ser um indicativo o fato de o segundo escalão do Ministério da Educação estar povoado por intelectuais e técnicos filiados ou afinados com o partido que perdeu as eleições presidenciais de 2014. Isto mostra claramente o que se pretende em termos de educação como projeto de país e certamente é algo distante daquilo que prevaleceu entre 2003 e 2016.

Elisete/Cláudia - Sobre a Medida Provisória, que propõe uma mudança radical na estrutura curricular do Ensino Médio brasileiro e retira novamente a obrigatoriedade da Filosofia, como você a analisa? Lembro que você acompanhou e participou do movimento de retorno da Filosofia ao Ensino Médio no Brasil. Você esteve várias vezes nas universidades da Região Sul participando dos Simpósios Sul-Brasileiro sobre Ensino de Filosofia na primeira década dos anos 2000. Estávamos/estamos em um momento de aumento de

nossa Idade Média nessa nau/Diretamente para a era do pré-sal”.

Revista Digital de Ensino de Filosofia – Santa Maria – vol.2., n.2 – jul./dez. 2016.

pesquisas e proposições mais específicas acerca do Ensino da Filosofia e novamente a ameaça retorna. Como a comunidade filosófica poderá se posicionar e enfrentar o que está sendo proposto?

Silvio Gallo - Todos sabemos como foi longa e dura a batalha para conquistarmos a “cidadania curricular” da Filosofia, para garantirmos sua presença na educação média. Ainda que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação apontasse, desde 1996, sua importância na formação do jovem, o partido que esteve no governo até 2002 não queria a Filosofia (nem a Sociologia) como disciplinas obrigatórias, queriam-nas como “temas transversais”. Como nossos currículos são disciplinares, argumentávamos então que se a Filosofia (e a Sociologia) não estivesse como disciplina, não estaria no currículo, pois, de um lado, as escolas não teriam como contratar professores de Filosofia; e, de outro, como se sabe, os professores das demais disciplinas não são preparados para ensinar conteúdos de Filosofia. Isso significava que, na prática, a LDB não era cumprida. Apenas em 2008 logramos conseguir a obrigatoriedade das disciplinas Filosofia e Sociologia, justamente no contexto de um governo que tinha uma visão diferente do anterior, muito mais preocupado com as questões sociais e com menos impacto do neoliberalismo (o que não significa que também não tivesse elementos dessa praga contemporânea).

Mas, desde então, tenho afirmado que não poderíamos descansar: se tinha sido difícil chegar à obrigatoriedade, mais difícil ainda seria legitimar a presença da Filosofia nas escolas, o que só poderia ser garantido por um trabalho intenso e qualificado dos professores de Filosofia, de norte a sul do país. Um trabalho débil poderia levar à sua exclusão, pois estava amparada apenas em um ato legal. Em linguagem direta: se uma “canetada” do Presidente da República instituiu a obrigatoriedade do ensino da Filosofia, outra “canetada” poderia excluí-la novamente dos currículos.

Ora, é justamente esta nova “canetada” que está anunciada agora. E, como aponte na resposta anterior, temos hoje no MEC um grupo afinado com o partido (e sua visão de política educacional) que não aceitava – e continua não aceitando – a presença da Filosofia como disciplina obrigatória, pois isso fere o princípio neoliberal da flexibilização curricular. Ora, eles não se sentem

Revista Digital de Ensino de Filosofia – Santa Maria – vol.2., n.2 – jul./dez. 2016.

fortes para flexibilizar Matemática ou outras disciplinas tradicionais, então, evidentemente, começarão por áreas mais "fracas", que não possuem tradição de presença nos currículos...

Fala-se em educação articulada com as necessidades do mundo contemporâneo, o governo federal paga comerciais de TV com estudantes sorridentes dizendo que apoiam a proposta, mas procuram silenciar estudantes que, no segundo semestre de 2016, ocuparam mais de mil escolas por todo o território nacional, protestando contra esta reforma por Medida Provisória, sem discussão com a sociedade. O que vemos, de fato, é o conflito entre dois projetos de país, entre duas visões de processos educativos articulados com as necessidades nacionais.

Penso que a comunidade filosófica precisa articular-se e mostrar os avanços que foram conseguidos com a presença da Filosofia na escola nestes últimos anos. Embora tenha sido pouco tempo até aqui (de forma plena, as escolas tinham até 2012 para implementar a presença da disciplina, o que significa que, em muitos lugares, ela pode ter apenas quatro ou cinco anos de presença), penso que houve avanços importantes.

Mas, confesso, estou pessimista. Penso que está sendo imposto um redirecionamento no projeto de país, com um cunho muito mais conservador. Não temos espaço aqui para examinar isto, mas temos visto este fenômeno em muitas direções, como a proibição, em muitas redes municipais e estaduais, do estudo de gênero, como a aprovação, em alguns estados e municípios, de projetos alinhados como o movimento "Escola sem Partido", um tipo de absurdo que pensávamos ter superado... Mas, parece que estamos longe de sair de nossa "idade média", que insiste em permanecer, inclusive com seus aspectos inquisitoriais, como é o caso em questão. E o panorama se agrava, pois este novo projeto de país tem apoio de uma parcela significativa da população... De modo que, sinceramente, não sei se nossos protestos terão eco; mas isso não significa que não devamos fazê-los, com toda a força de que formos capazes!

Elisete/Cláudia - Seus estudos e pesquisas centram-se, principalmente, na Filosofia Francesa Contemporânea, em autores como Gilles Deleuze e Michel Foucault. Você pode nos falar sobre a potência que encontra nestes

Revista Digital de Ensino de Filosofia – Santa Maria – vol.2., n.2 – jul./dez. 2016.

autores para a educação e para o Ensino da Filosofia?

Silvio Gallo - A potência que encontro neles é aquela mesma que descobri quando os li pela primeira vez e que me fez elegê-los como companheiros de vida e depois objetos de estudo: uma intensa afirmação do pensamento como um exercício possível e necessário para cada um e para todos. Uma potência do pensamento, em suma, que é afirmada por eles e que eles nos convidam a afirmar. A Filosofia produzida por estes autores não é um sistema fechado, que tudo procura explicar, que tem o intuito de dar as respostas. Ao contrário, a leitura de seus textos é uma incitação a pensar e a pensar cada vez mais. A experimentar a Filosofia como exercício crítico e criativo, um pensamento sempre em movimento e que se renova sempre. Não podemos lê-los e ficar conformados; ficamos incomodados, estimulados a pensar.

Ora, isso tudo moveu-me e segue me movendo a pensar com eles o ensino da Filosofia. Um ensino de Filosofia como experiências no pensamento, experiências de pensamento possíveis a todo estudante que se disponha a entrar neste universo. Não uma Filosofia com cheiro de mofo e na qual as ideias sejam apresentadas como peças de museu com interesse estritamente histórico, mas uma Filosofia que nos incomoda, nos põe questões, nos ajuda a compreender nossas próprias questões, nos incita a pensar e nos abre todo um novo panorama para nossas maneiras de ver a vida e o mundo.

Infelizmente, mesmo estes autores podem ser esvaziados de sua potência. Temos visto uma certa “moda” em torno deles no Brasil, com perspectivas que muitas vezes enfraquecem seu pensamento, ao tomá-lo justamente na direção contrária daquilo que ele foi; é preciso resistir a isso, não apresentá-los como verdades sistemáticas, como “o” pensamento, mas como um pensamento possível que nos faz pensar também, um pensamento novo, ousado, desafiador que não fica a repetir as mesmas ideias.

Elisete/Cláudia - Você participou do último edital do PNLD e teve seu livro selecionado. Como foi produzir esse livro didático? Quais foram os desafios? Que características distinguem teu livro dos outros que circulam nas escolas? Você vem acompanhando os efeitos de sua utilização nas aulas de

Revista Digital de Ensino de Filosofia – Santa Maria – vol.2., n.2 – jul./dez. 2016.

Filosofia? Tens recebido comentários/avaliação de professores e alunos do ensino médio?

Silvio Gallo - Escrevi o livro **Filosofia – experiência do pensamento** (Ed. Scipione, 2014) por convite/desafio da editora, que queria um novo livro para inscrevê-lo no PNLD 2015. Quando me chamaram para uma reunião, fui bem entusiasmado, pois produzir um livro didático era uma espécie de decorrência daquilo que eu havia pensado no campo do ensino da Filosofia, quase como uma conclusão necessária, o fechamento de um ciclo, de um processo. E poder fazê-lo numa editora bem estabelecida, com larga experiência no setor didático e com distribuição nacional era tentador. Esperava construir um projeto para nele trabalhar ao longo de uns dois anos, mais ou menos, para construir aquilo que esperava. Mas a realidade se impôs: eu tinha um semestre para escrevê-lo e era “pegar ou largar”. Resolvi aceitar o desafio e trabalhei alucinadamente, em meio a todas as demais atividades acadêmicas, para poder prepará-lo no prazo necessário. Claro que tive um enorme apoio da editora. O resultado é que o livro saiu e tivemos a felicidade de vê-lo aprovado no PNLD, sendo um dos dois novos títulos, junto com outros três que já haviam sido aprovados no PNLD Filosofia anterior, em 2012. Segundo estatísticas da editora, foi o terceiro mais adotado nas escolas, atrás de dois mais antigos, já consolidados e muito bem conhecidos pelos professores.

Os desafios na produção do livro foram muitos. Destaco como mais significativos: o pequeno prazo, que nos fez, literalmente, “correr contra o tempo”; e a necessidade de adequar a linguagem ao jovem do ensino médio, sem vulgarizar a Filosofia, o que é um equilíbrio sempre difícil. Tenho recebido múltiplas reações: alguns afirmam que a linguagem continua sendo difícil, outros dizem que ela parece um pouco mais acessível aos jovens; claro, isto depende das distintas realidades das regiões brasileiras em que o livro é adotado.

Sua característica central é a tentativa de abordar a Filosofia a partir de problemas e, sobretudo, a partir de problemas contemporâneos. A ideia é a de mobilizar a Filosofia como ferramenta conceitual para enfrentar os problemas vividos pelos estudantes, buscando na história da Filosofia estes aportes conceituais. Não pretende ser uma apresentação histórica das ideias,

Revista Digital de Ensino de Filosofia – Santa Maria – vol.2., n.2 – jul./dez. 2016.

mas não pode prescindir das ideias e conceitos historicamente produzidos, que podem nos servir como ferramentas para enfrentar os problemas que experimentamos. É uma aposta, portanto, numa Filosofia ativa, experimental, que precisa ser experimentada pelos estudantes e por isso eles precisam ser sensibilizados para os problemas. O livro trabalha com a perspectiva da sensibilização-problematização-investigação histórica-conceituação, com o objetivo de municiar os estudantes com elementos para que eles pensem conceitualmente os problemas, seja recriando-os por deslocamento de seu local original para nosso contexto problemático, seja mesmo criando novos conceitos, dentro dos limites de suas possibilidades. Outra característica é estar fortemente amparado nos autores contemporâneos com os quais trabalho, sem deixar de visitar os grandes pensadores da história, mas vistos a partir deste ângulo.

Mas tenho que confessar uma insatisfação. O Edital do PNLD é bastante rígido, pois tem a função de garantir a qualidade de algo que será adquirido pelo governo com recursos públicos e distribuídos nas escolas de todo o país. Claro, é uma rigidez necessária, mas que, de certo modo, “engessa” muito a produção dos livros, fazendo com eles fiquem todos muito parecidos, seja na forma, seja no conteúdo. A abertura para um pouco mais de ousadia parece-me que seria fundamental para que pudéssemos ter livros didáticos mais diferenciados entre si, de modo a atender a distintas propostas e concepções de ensino de Filosofia. Hoje isso não parece possível, infelizmente.

Tenho recebido alguns comentários críticos, a maioria de professores, de diversas partes do país. Alguns apontaram pequenas falhas, que passaram em minha revisão, naquela feita pela editora e mesmo na avaliação feita pelo MEC, que estamos procurando resolver nas próximas edições. Tenho recebido comentários bastante favoráveis, relatos de experiências interessantes que professores têm produzido em sala de aula, com o suporte do livro, e também críticas a como determinados temas são abordados. É ótimo que seja assim, pois como já afirmei, a Filosofia não pode ser vista como perspectiva única.

Mas, o mais importante para mim foi ter recebido no ano passado um comentário de um estudante do Ensino Médio, que dizia ter sempre achado a Filosofia algo chato e desinteressante. Um dia, a partir de um comentário de sua professora de Filosofia, pegou o livro para ler e apaixonou-se: leu-o todo,

Revista Digital de Ensino de Filosofia – Santa Maria – vol.2., n.2 – jul./dez. 2016.

independentemente das aulas de Filosofia. Agradeceu-me pelo livro e pediu-me indicação de textos de filósofos para que pudesse aprofundar seu estudo. Para mim, foi o que compensou o trabalho envolvido na produção do livro; mesmo que ninguém mais o lesse, o efeito que produziu neste jovem fez com que valesse a pena ele ter sido escrito.

Elisete/Cláudia - Você tem sido referência no que diz respeito a metodologias para as aulas de Filosofia. Em seu último livro, **Metodologia do Ensino de Filosofia: uma didática para o ensino médio**, você apresenta o “método regressivo” para o ensino da Filosofia. O que lhe levou a essa proposição, considerando a proposta inicial “dos quatro passos didáticos”?

Silvio Gallo - Esta foi mais uma experimentação. A proposta dos “quatro passos” foi construída pouco a pouco. Em 2001, no I Simpósio Sul-Brasileiro sobre Ensino de Filosofia, que aconteceu na Universidade de Passo Fundo, explorei pela primeira vez conceitualmente o que significaria o ensino de Filosofia se partíssemos da definição dada por Deleuze e Guattari desta disciplina: “uma atividade de criação de conceitos”. Ora, se a Filosofia é isso, em que consiste seu ensino? Se ela é uma atividade, não podemos ensiná-la de forma estática, transmitindo seu produto (o conceito), mas precisamos experimentar, no seu ensino e no seu aprendizado, a própria atividade criativa. Como houve uma boa resposta do público, fui aprofundando os contornos conceituais do problema, em apresentações em eventos da área, em artigos para revistas. Mas, cada vez mais, uma questão foi sendo imposta pelo público: “professor, como fazemos isso?”, até que não pude mais fugir dela e precisei “sujar as mãos” (por favor, ouçam meus risos quando lêem isto!) com a didática. Era preciso estabelecer protocolos, modos de fazer, que não fossem fechados, mas que dessem aos professores de Filosofia indicações de como proceder. Daí surgiu a ideia dos quatro passos, uma maneira de tornar prático e viável este percurso.

Bem, proposta feita, comecei a ouvir de alguns coisas como: “a ideia é interessante, mas muito difícil de ser posta em prática; conseguimos trabalhar bem com a sensibilização, às vezes alcançamos a problematização, mais raramente a investigação, mas a conceituação é praticamente impossível em

Revista Digital de Ensino de Filosofia – Santa Maria – vol.2., n.2 – jul./dez. 2016.

nossas salas de aula". Tenho insistido, ao contrário, que sim, é possível. O problema é nossa reverência com o conceito, como se ele fosse algo grande demais, inalcançável para nós e ainda mais para nossos estudantes. Acho que aí está o ponto. É preciso *desmistificar* o conceito. Há conceitos grandes e geniais, que atravessam o tempo; mas há conceitos menores, mais simples, localizados, resultados de experiências de pensamento. Eles podem não ter nenhuma aparência de "universais" (e é bom sempre lembrar que nenhum conceito o é), mas isso não faz com que eles deixem de ser conceitos.

Ainda assim, quis experimentar uma alternativa, quiçá mais acessível aos professores: em lugar de partir do problema para chegar ao conceito, fazer o caminho inverso, isto é, partir do conceito, localizado no texto do filósofo, para examinar, com os alunos, qual o problema ou conjunto de problemas que fez com que tal conceito fosse criado. É um método, digamos, mais "analítico", mais técnico, mas que pode ser mais conveniente em algumas situações ou mesmo que pode ser usado de forma articulada com os quatro passos.

Aproveito esta questão para um comentário. Quando comecei a explorar estas ideias no ensino de Filosofia, não o fiz com a intenção de dizer que esta é "a" forma única de se ensinar Filosofia, nem a melhor; é uma maneira de enfrentar o problema do ensino, a partir de uma visão de Filosofia, em meio a outras, muitas outras. Quanto mais formas de pensar o ensino de Filosofia, quanto mais metodologias diversas tivermos, tanto melhor. Entristece-me ver que, algumas vezes alguns a propagam como uma "forma única"; isto é atentar contra a Filosofia.

Elisete/Cláudia - Sobre pesquisas em cursos de Pós-Graduação acerca do Ensino da Filosofia, como você avalia esse nosso momento? Temos avançado? As pesquisas têm enfrentado as questões do ensinar e do aprender Filosofia no âmbito escolar?

Silvio Gallo - Eu confesso que já não tenho acompanhado este movimento tão de perto. Mas penso que sim, o campo do ensino de Filosofia no Brasil está razoavelmente consolidado e avançou muito nos últimos anos, especialmente depois da aprovação da obrigatoriedade do ensino de

Revista Digital de Ensino de Filosofia – Santa Maria – vol.2., n.2 – jul./dez. 2016.

Filosofia, que nos forçou a pensá-lo criticamente. Outro efeito importante da obrigatoriedade foi a abertura de novos cursos de Licenciatura em Filosofia, dada a necessidade de formar professores. Especialmente em universidades públicas, foram criados novos cursos e novos departamentos de Filosofia, vários com professores especializados no tema do ensino. Em universidades mais antigas (infelizmente não em todas) foram contratados professores com esta especialidade. Isso potencializou muito as pesquisas no campo.

É significativo também que a ANPOF tenha consolidado o GT Filosofar e Ensinar a Filosofar, locus para apresentação e discussão dos trabalhos neste campo, mas, sobretudo, tenha criado a ANPOF-Ensino Médio, abrindo espaço para apresentação de trabalhos, experiências, reflexões críticas de professores deste nível de ensino. Tudo isso tem significado um avanço muito positivo em nossas pesquisas.

Infelizmente, como afirmei antes, a reforma do Ensino Médio por decreto de cima para baixo pode por tudo isso a perder, fazendo-nos retroceder muito. Enfrentemos com força e coragem este futuro, como construtores dele e não como meros espectadores.

Elisete/Cláudia - Você tem participado de alguns eventos cujo tema central é o PIBID Filosofia, por isso gostaríamos de saber o que pensa sobre esta política educacional, desde uma perspectiva da governamentalidade. Qual sua análise sobre o PIBID? Tens acompanhado os processos formativos que ali ocorrem e os efeitos que estão sendo produzidos nas aulas de Filosofia no Ensino Médio?

Silvio Gallo - Assim como as pesquisas, tenho seguido o PIBID da forma que me é possível, um pouco a distância, na medida em que não me dedico atualmente de forma direta na formação de professores de Filosofia. Mas tenho a impressão de que, das muitas políticas educativas importantes produzidas nos últimos quinze anos, o PIBID foi aquela de maior e mais imediato impacto social. Sabemos do sucesso e da importância do modelo da Iniciação Científica em nossas universidades; fazer algo paralelo no campo da formação de professores foi uma ideia genial. O PIBID impacta muito diretamente o estudante em formação, comprometendo-o com a realidade

Revista Digital de Ensino de Filosofia – Santa Maria – vol.2., n.2 – jul./dez. 2016.

de sala de aula; impacta as escolas e professores que recebem o projeto; impacta os estudantes da educação básica que o recebem. É um impacto amplo, massivo e imediato. Mas creio que seu maior impacto será sentido no futuro próximo, quando professores formados que experimentaram o PIBID estiverem nas escolas. Penso que o PIBID poderia consolidar uma verdadeira revolução na educação brasileira, de fato fazendo a diferença na formação de professores.

Vemos isso muito claramente no caso da Filosofia. Na ANPOF-EM e em eventos de projetos PIBID ou mesmo em eventos do ensino de Filosofia, temos acesso a experiências de ensino que estão sendo realizadas em escolas de norte ao sul do país, em escolas periféricas e em escolas centrais, nas mais diversas realidades, com resultados altamente positivos. Muita coisa interessante está sendo criada e praticada e não nos é possível ainda ter a dimensão completa de seus efeitos positivos.

Infelizmente, a crise econômica a que o país foi levado por irresponsabilidade de parte de nossa classe política já fez com que o Programa tenha sido forte e negativamente impactado ainda no governo anterior; e agora, frente a todas as instabilidades e incertezas que vivemos, não sabemos o que será dele no futuro.

Espero que tenhamos o discernimento necessário para compreender seu impacto importante na formação de professores no Brasil e a força social necessária para exigir sua continuidade e garantir sua consolidação. Será uma pena se isso for perdido por irresponsabilidade política de um neoliberalismo que quanto mais afirma a importância da educação, mais a sucateia.

Elisete/Cláudia – Muito Obrigada Silvio!